

## ÉDIPO, PERVERSÃO E FETICHE: UMA LEITURA DE *LOLITA* SOB A LUZ DA PSICANÁLISE

*OEDIPUS, PERVERSION, AND FETISH: A PSYCHOANALYTIC READING OF LOLITA*

Romenigh Rodrigues Oliveira<sup>1</sup>  
Gustavo Angeli<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo do estudo foi realizar uma análise psicanalítica da perversão na obra *Lolita* (1955), de Vladimir Nabokov, e, especificamente, explorar a potência analítica do personagem Humbert. A investigação se constitui como estratégia de produção de conhecimento por meio da psicanálise extramuros, pela escuta, associação livre e atenção flutuante da obra *Lolita*. Ou seja, a prática psicanalítica fora dos espaços tradicionais de consultório. Expande-se a psicanálise para contextos mais amplos e menos convencionais. Além disso, visa ampliar o debate acerca dos temas e conceitos elencados, a fim de possibilitar discussões sobre, inclusive, o manejo clínico em situações similares. Com base na obra *Lolita*, foi possível realizar um estudo sobre como a perversão, o fetichismo e traços do complexo de Édipo manifestam-se por meio do sujeito e como esses conceitos estão, no caso da obra, interligados com a pedofilia.

**Palavras-chave:** *Lolita*; perversão; complexo de Édipo; fetiche.

**ABSTRACT:** *The study aimed to carry out a psychoanalytical analysis of perversion in Vladimir Nabokov's novel Lolita (1955) and, specifically, to explore the analytical power of the character Humbert. We constituted the investigation as a strategy for producing knowledge through extramural psychoanalysis, through listening, free association, and floating attention to the work Lolita. In other words, psychoanalytic practice outside of traditional consulting rooms. It expands psychoanalysis to broader and less conventional contexts. It also aims to broaden the debate about the themes and concepts presented, allowing discussions about clinical management in similar situations. Based on the work Lolita, it was possible to study how perversion, fetishism, and traces of the Oedipus complex manifest themselves through the subject and how these concepts are, in the case of the work, interconnected with pedophilia.*

**Keywords:** *Lolita*; perversion; Oedipus complex; fetish.

---

<sup>1</sup>Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque - UNIFE. E-mail: romenigh.oliveira@unife.edu.br.

<sup>2</sup>Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque - UNIFE. E-mail: gustavoangeli@gmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

---

A psicanálise, além de prática terapêutica, é também um método que atua sob fenômenos para além da clínica. Ao longo da sua construção, Sigmund Freud, o pai da psicanálise, comenta, diversas vezes, sobre a utilização do método psicanalítico na interpretação de obras em outros contextos. Em *O futuro de uma ilusão* (1927), ele discute sobre a aplicação do método psicanalítico no estudo da religiosidade, analisando as origens dessas crenças e o papel que desempenham na psique da população. Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), ele aborda a utilização do olhar psicanalítico para o estudo de fenômenos do coletivo social, como a formação de certos grupos e os seus comportamentos. Freud dedicou um estudo à obra *Memórias de um Doente dos Nervos* (1903), de Daniel Paul Schreber. Fundamentado nesses escritos póstumos de Schreber, o psicanalista discute, além da psicopatologia de seu “paciente”, os mecanismos de defesa que ficaram evidentes por meio da leitura, sob a luz da psicanálise, resultando num famoso escrito de Freud chamado *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* (1911). A interpretação psicanalítica de Freud sobre os escritos de Schreber mostra que a psicanálise pode ser aplicada a obras artísticas.

Dessa forma, há indícios de um contexto da psicanálise no qual Freud se dedicou a analisar não pacientes em consultório, mas elementos como autobiografias, religiosidade e cultura, que, apesar de também tratarem do inconsciente, não se referem a um paciente particular convencional. Com base nessa lógica, na qual existe uma psicanálise que analisa fenômenos não clínicos no âmbito da prática em consultório particular, o presente artigo teve por objetivo realizar uma análise psicanalítica da perversão presente na obra *Lolita* (1955), de Vladimir Nabokov, e, especificamente, explorar a potência analítica do personagem Humbert, protagonista da história, com o intuito de relacionar a psicodinâmica do personagem e o Complexo de Édipo com o auxílio das leituras freudianas em torno da perversão.

Nesse arcabouço teórico, o conceito de complexo de Édipo é de inegável importância por ser um dos elementos fundamentais da teoria psicanalítica desenvolvida por Freud. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), o autor afirma que o Complexo de Édipo é a pedra angular da normalidade neurótica e, portanto, também da normalidade psicológica. Segundo Souza (2006), o Complexo de Édipo descreve um conjunto de emoções e desejos inconscientes de uma criança em relação aos seus pais ou às figuras parentais. Ele inclui o desejo sexual e de posse sobre o progenitor, bem como a rivalidade com um dos genitores. O complexo de Édipo inaugura no sujeito uma maneira específica de operar e perceber a realidade. Uma das possíveis saídas do complexo de Édipo é a perversão (Souza, 2006).

Na psicanálise, o conceito de perversão é central para a compreensão das variações da sexualidade humana. A perversão pode ser entendida como uma tentativa de solucionar os conflitos edípicos que persistem ao longo da vida do sujeito (Souza, 2006). Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2012) afirma que uma perversão sexual é a escolha do caminho mais fácil para a satisfação de um impulso sexual que se tornou patologicamente exagerado. A perversão é entendida como parte da complexa estrutura da sexualidade, na qual impulsos e desejos se manifestam de diversas maneiras, nem sempre patológicas. Laplanche e Pontalis complementam essa visão ao afirmarem que “as perversões são formas específicas de realização das pulsões

sexuais, que não coincidem com a meta genital adulta" (1998, p. 378). A psicanálise, portanto, não vê a perversão apenas como um desvio, mas como uma manifestação legítima e intrínseca da sexualidade humana.

A psicanálise freudiana também possibilita, o uso de um olhar metodológico na análise de obras literárias, possibilitando identificar aspectos inconscientes a partir da leitura de um determinado conteúdo. Em *O poeta e o fantasiar* (1908), Freud discute que a criação artística é comparável ao sonho: ambos seriam produtos do inconsciente e expressariam de desejos reprimidos. Com base nessas considerações iniciais, pode-se inferir que a análise de obras literárias forneceria conteúdo suficiente para a elaboração de uma interpretação clínica a partir da obra analisada. Nesse caso, o pesquisador deve ter um olhar atento, voltado para os aspectos mais profundos na obra escolhida. Por meio de uma obra, utilizando os conceitos e teorias psicanalíticas, é possível construir camadas de significado que, possivelmente, passariam despercebidas por leitores comuns.

O filme *Lolita* (1997), dirigido por Adrian Lyne, é uma adaptação do romance homônimo (1955) de Vladimir Nabokov. A história gira em torno de Humbert, um professor de literatura de meia-idade que se apaixona obsessivamente por Dolores Haze, uma garota de 12 anos a quem ele chama de Lolita. Ele se casa com a mãe de Lolita, Charlotte, para ficar próximo da menina, mas a situação se complica quando Charlotte morre, deixando-o como tutor legal de Lolita.

A obra explora temas controversos, como a obsessão, a manipulação e o abuso sexual, enquanto Humbert e Lolita embarcam viajam por diferentes cidades dos Estados Unidos. Humbert tenta controlar a jovem e esconder o seu relacionamento ilícito. A obra é marcada pelo conflito moral do protagonista e pelo impacto psicológico de sua obsessão, tanto nele quanto em Lolita, conforme será discutido nas seções seguintes.

A versão de 1997 é conhecida por sua atmosfera sombria e pelas atuações intensas de Jeremy Irons (Humbert), e Dominique Swain (Lolita). Apesar de ser visualmente impactante, o filme gerou controvérsias devido ao conteúdo sensível que retrata. Desde o lançamento, do livro de *Lolita*, ele teve um impacto significativo e controverso, levando a intensos debates sobre moralidade, arte e censura, especialmente por retratar a obsessão de um homem adulto por uma menina de doze anos, o que provoca opiniões divergentes.

De acordo com Appel (1991), vários editores americanos rejeitaram inicialmente *Lolita*, porque consideravam a obra escandaloso e impróprio para publicação. O livro enfrentou problemas e proibições em vários países, mesmo após ser aceito e publicado na França. No entanto, Nabokov afirmou que *Lolita* deveria ser lida tanto como uma sátira quanto como uma tragédia. Ele defende a sua obra como uma exploração artística intrincada da linguagem e da psicologia. A crítica literária Christine Clegg destaca que, "apesar de seu tema perturbador, 'Lolita' é amplamente reconhecida como uma das maiores obras literárias do século XX, admirada por sua estrutura narrativa inovadora e o seu estilo brilhante" (Clegg, 2000, p. 92, grifos no original). O impacto de *Lolita* demonstra, então, a capacidade da literatura de desafiar padrões sociais e inspirar discussões sobre temas complexos.

Dessa forma, acredita-se que a interpretação da obra à luz da psicanálise, por meio da produção de informações, possibilite o enriquecimento da compreensão de *Lolita* e amplie o debate sobre possíveis conclusões ou pontos de vista. O estudo dessa estrutura clínica, com base nos fundamentos da psicanálise, permite, não só a elaboração de conteúdo que valoriza o debate, como também a ampliação do

conhecimento que corrobora a identificação do fenômeno estudado quando no ambiente clínico. O estudo se justifica, fundamentalmente, na criação de um olhar que identifique indicadores da estrutura perversa e promova o seu manejo clínico de maneira ética, imparcial e eficiente.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

---

Ao longo da sua obra, Sigmund Freud conceitualiza a perversão em diversos escritos, mas um dos principais textos em que ele aborda extensivamente o tema é *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicado originalmente em 1905. Nele, o autor trabalha o conceito de perversão de diferentes maneiras, uma delas é a perversão como desvio da conduta sexual dita normal; a outra, como quadro clínico. No referido trabalho, o autor explora a sexualidade, as perversões e a origem psíquica das neuroses. Nela, a perversão é definida como uma variação ou desvio em relação ao objetivo sexual considerado normal. Dadas as considerações e particularidades de sua época, o autor a identifica como “a união dos órgãos genitais em um ato voltado para a reprodução” (Freud, 1905/2012, p. 47). O autor evidencia ainda, na obra, que esses desvios não deveriam ser vistos como anomalias, mas como algo particular do desenvolvimento sexual infantil, também discutido no estudo em questão.

O desenvolvimento sexual infantil é um tema que se relaciona diretamente com a perversão psicanalítica. “As perversões que aparecem de forma isolada nos adultos são, na verdade, elementos que estavam presentes e eram normais durante o desenvolvimento infantil” (Freud, 1905/2012, p. 46). A partir disso, é possível afirmar que Freud considera a perversão como a aparição dos desejos inconscientes que surgem durante a infância e que podem ressurgir anos depois, na vida adulta.

Em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/2012) sugere que as crianças experimentam o prazer sexual durante toda a infância, inclusive desde o nascimento. Durante esse percurso, elas atravessam algumas fases do desenvolvimento sexual e em cada uma delas a obtenção do prazer é vivenciado de uma maneira singular. Esse prazer ocorre a partir da relação entre a criança e o adulto. Por meio da repetição e do contato com os primeiros cuidados básicos para a sobrevivência, o adulto marca a criança, de certa forma, dando início à constituição dela como sujeito. O cuidado com a sobrevivência da criança não apenas garante a sua existência, mas também proporciona um momento de prazer e satisfação constantemente solicitado. Aqui encontramos a perversão da natureza humana, da sobrevivência ao prazer. O autor denomina essas fases de oral, anal, fálica e genital. A fase oral ocorre nos primeiros anos de vida, quando a boca da criança é percebida como a sua principal zona erógena. O bebê acessa esse prazer por meio da sucção e da ingestão durante a amamentação. Segundo o autor, que “o primeiro e mais importante órgão da sexualidade infantil é a zona oral, isto é, a mucosa dos lábios e da cavidade bucal” (Freud, 1905/2012, p. 35). Fixações na fase anal podem resultar em traços de personalidade, como a obsessão pela ordem e limpeza ou, ao contrário, a desorganização.

As atividades excretórias e os desejos que as acompanham fornecem, desde muito cedo, uma importante fonte de sensações sexuais. A análise dessas atividades fornece o modelo para todas as compulsões futuras. Os sintomas dessa compulsão, como a limpeza e a ordem, têm uma fonte libidinal relacionada à fase anal (Freud, 1905/2012, p. 39).

Na fase anal, por volta dos dois ou três anos de vida, quando a criança já está um pouco mais desenvolvida, a obtenção do prazer acontece a partir da região anal, como a denominação sugere. Nessa fase, o prazer está associado ao controle dos esfíncteres e à defecação. Freud (1905/2012, p. 39) observa que a criança sente prazer tanto ao reter quanto ao expelir as fezes, e que essa fase está intimamente ligada às primeiras tentativas de controle e autonomia. "A zona erógena que domina a segunda fase da sexualidade infantil é a mucosa do intestino grosso", explica o autor. Em seguida, ocorre a fase fálica, que se estende aproximadamente do terceiro ao sexto ano de vida da criança, período no qual a atenção dela se volta para sua genitália, muitas vezes de maneira literal. É comum que, durante a fase fálica, as crianças comecem a explorar os seus órgãos genitais, obtendo prazer ao manipulá-los. Segundo Freud "os órgãos genitais tornam-se, neste período, a zona erógena dominante e a fonte principal de sensações prazerosas. A criança desenvolve um interesse intenso por seus próprios órgãos genitais e pela anatomia do sexo oposto" (Freud, 1905/2012, p. 42).

Por fim, tem-se a fase genital. Segundo Freud (1905/2012), a sexualidade madura emerge, visa as relações sexuais e a reprodução. "A meta final do desenvolvimento sexual é a realização de relações heterossexuais maduras, com o objetivo reprodutivo. A organização genital da libido, que começa na puberdade, coordena-se com as outras zonas erógenas" (Freud, 1905/2016, p. 49). É importante ressaltar que a heterossexualidade é apenas uma visão pedagógica utilizada para ilustrar as fases do desenvolvimento e do Complexo de Édipo na obra freudiana dos anos iniciais, pois, em 1923, na obra *O ego e o Id*, o pai da psicanálise entende que a sexualidade é constituída por identificações da criança pelos genitores de ambos os sexos. Em outras palavras, há uma escolha de objeto e a constituição do ego a partir da introjeção de traços dos pais, independentemente do sexo.

A fase genital é a fase final do desenvolvimento sexual, na qual a libido atinge sua forma madura. A excitação sexual passa a estar novamente concentrada nos órgãos genitais, mas de maneira coordenada e integrada com outras zonas erógenas (Freud, 1905/2012, p. 48).

Essas fases ocorrem simultaneamente ao Complexo de Édipo, um conceito fundamental da teoria psicanalítica. Tido como a pedra angular da psicanálise, o complexo foi introduzido na obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900) de Freud, e desenvolvido em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Ele descreve um conjunto de afetos positivos e negativos que a criança naturalmente desenvolve em relação aos seus cuidadores durante a fase fálica do desenvolvimento psicosssexual. De maneira simplista e pedagógica, para Freud (1905/2012), o Complexo de Édipo representa uma etapa da vida da criança em que os meninos, de maneira inconsciente, experimentam um desejo sexual pela figura materna e estabelecem uma rivalidade com a figura paterna. "O Complexo de Édipo é o ápice do desenvolvimento sexual infantil e é caracterizado pelo desejo do menino pela mãe e a hostilidade em relação ao pai, percebido como um rival" (Freud, 1905/2012, p. 43).

No Complexo, meninos desenvolvem desejos inconscientes pela mãe e rivalizam com o pai. A utilização de exemplos referentes a uma lógica heterossexual deve-se ao fato de a teoria psicanalítica ter sido formulada em um contexto histórico e cultural heteronormativo. Posto isso, prossegue-se com a discussão, a partir de Barretta (2012), que afirma que, para Freud, o termo "complexo", refere-se a um conjunto de representações mentais, associadas entre si e ocupadas por afetos. No caso do complexo de Édipo, trata-se de um conjunto de ideias que gira em torno dos temas do incesto, do parricídio, do amor e do ódio da criança para com seus pais.

Segundo Barretta (2012), as primeiras referências diretas ao complexo de Édipo foram encontradas nas correspondências enviadas por Freud a Wilhelm em 15 de outubro de 1897, a Fliess, a respeito da sua autoanálise. A questão é abordada em inúmeros outros textos, recebendo de Freud o status de complexo nuclear das neuroses. O autor afirma que as neuroses são um fenômeno universal e podem ser encontradas tanto em indivíduos saudáveis quanto em indivíduos neuróticos, apenas em uma "escala ampliada de sentimentos de amor e ódio pelos pais" (Freud, 1900/2012, p. 57) Assim, não é a presença de fantasias edípicas que distingue um neurótico, mas a intensidade dos afetos.

Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância [...] sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex [...] a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual (Freud, 1897/1996, p. 316).

Para uma definição mais precisa, utiliza-se um verbete de Laplanche e Pontalis (1992, p. 77), que caracteriza o Complexo de Édipo como um:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia.

Embora seja um tema recorrente em praticamente todos os escritos de Freud, ele nunca dedicou uma exposição sistemática ao complexo. De acordo com Freud (1905/2012), o Complexo de Édipo é um fenômeno universal, ou seja, pode ser observado em qualquer pessoa, e envolve o desejo inconsciente da criança pelo progenitor, bem como a rivalidade com um dos progenitores. Tradicionalmente, o Complexo de Édipo é exemplificado pela manifestação, por parte dos meninos, de desejo sexual pela mãe e sentimentos de rivalidade e hostilidade contra o pai, visto como um concorrente pelo afeto materno. O medo da castração intensifica esse conflito interno, levando o menino a reprimir os seus desejos e a internalizar as crenças e os costumes de seu pai. Segundo Freud (2016, p. 45), "a criança se identifica com o progenitor do mesmo sexo como um mecanismo de defesa contra a ameaça de castração, resultando na internalização das normas e valores paternos e no fortalecimento do superego".

As meninas desenvolvem um desejo, também inconsciente, pelo pai e veem a mãe como uma rival. A inveja do pênis, na qual a menina culpa a mãe por sua castração, exacerba esse desejo. Eventualmente, a menina deixa finalmente de querer o pai e se identifica com a mãe.

As meninas, ao perceberem a diferença anatômica, sentem-se desfavorecidas e desenvolvem um desejo pelo pênis, o que gera uma mudança de afeto da mãe para o pai. Esse desejo pela figura paterna é então suprimido e transformado em identificação com a mãe (Freud, 1905/2012 p. 44).

Um dos psicanalistas mais influentes do século XX, Jacques Lacan, reinterpretou o Complexo de Édipo usando a linguística estrutural e a filosofia. Para ele (1957), o complexo é fundamental, pois representa a entrada do sujeito na ordem simbólica: quando as leis sociais e a linguagem são internalizadas. "A metáfora paterna é o pivô da entrada do sujeito no campo do simbólico. A nomeação do pai é essencial para que a criança internalize a lei e a linguagem" (Lacan, 1957, p. 199). O autor (1957) afirma que a resolução do complexo depende do Nome-do-Pai, o que fica evidente na seguinte passagem: "O Nome-do-Pai sustenta a estrutura do desejo, oferecendo um ponto de ancoragem na cadeia significante. A aceitação dessa metáfora é fundamental para a resolução do Complexo de Édipo e para a formação do sujeito" (Lacan, 1957, p. 201).

O Nome-do-Pai representa a função simbólica da figura paterna, separando a criança da mãe e introduzindo-a a uma rede de significados culturais. Acredita-se que a aceitação da função paterna, que molda o desejo e a subjetividade, resolve o Complexo de Édipo, além do medo da castração. O autor (1957) também afirma que a lei do desejo emerge no Complexo de Édipo. A criança descobre que o desejo é mediado pela lei do Outro, representada pelo pai simbólico. A formação do sujeito e a dinâmica do desejo dependem da internalização dessa lei. "É no Complexo de Édipo que a lei do desejo é instaurada, onde o sujeito aprende a navegar no campo dos significantes e a se posicionar dentro da ordem simbólica" (Lacan, 1957, p. 204).

Em *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924), Sigmund Freud discute como a falha em resolver corretamente o Complexo de Édipo pode levar a uma variedade de tipos de comportamentos sexuais que podem ser interpretados como desviantes ou até patológicos, incluindo a perversão. Nesse contexto, a perversão pode ser vista tanto como um desvio do desenvolvimento psicosssexual normal quanto como uma estrutura psíquica psicanalítica. Nesse caso, os desejos e impulsos sexuais permanecem fixados em fases anteriores do desenvolvimento sexual, em vez de se direcionarem para os objetivos genitais e reprodutivos esperados. Como mencionado anteriormente, o Complexo de Édipo geralmente surge durante a fase fálica. Segundo Freud (1905/2012), se a criança não consegue superar os conflitos dessa fase, pode ocorrer uma fixação ou regressão.

"As fixações em fases anteriores do desenvolvimento psicosssexual podem resultar em perversões, uma vez que a libido permanece presa a modos de satisfação que não são socialmente aceitos como normais" (Freud, 1905/2012, p. 176). A fixação ocorre quando a libido fica presa a uma fase anterior, impedindo a sua progressão normal. Dessa maneira, uma má resolução do Complexo de Édipo desempenha um papel central na formação da estrutura psíquica do sujeito. Em paralelo a isso, a formação do superego é uma consequência direta da resolução desse complexo. O superego é a parte da psique que incorpora os valores e, principalmente, as normas sociais internalizadas pelos pais na criança. De certa forma, o superego pode ser visto como a figura paterna interna ao sujeito.

A resolução do Complexo de Édipo envolve a repressão dos desejos incestuosos e a identificação com um dos progenitores, ocasionando a internalização das regras e valores destes, o que pode ser interpretado na seguinte passagem: "A não resolução do Complexo de Édipo impede a formação adequada do superego, resultando em uma incapacidade de internalizar as normas sociais e morais. Essa falha pode se manifestar por meio de perversões, nas quais os impulsos sexuais permanecem fora do controle da consciência moral" (Freud, 1923/1997, p. 178).

Segundo Freud (1927/1996), a formação do superego fica prejudicada quando o Complexo de Édipo não é resolvido. Isso significa, segundo o autor (1927/1996) que os desejos e impulsos sexuais deveriam ser reprimidos e canalizados para comportamentos socialmente aceitáveis continuam ativos e descontrolados. Essa falta de controle pode resultar em comportamentos que são considerados pervertidos ou divergentes em relação às normas sociais. Na psicanálise, a estrutura clínica da perversão está intimamente enraizada no conceito fundamental do Complexo de Édipo, que é o processo pelo qual o sujeito se confronta com a lei do desejo e a castração.

Freud (1927/1996) descreve o Complexo de Édipo como uma triangulação entre a criança, sua mãe e seu pai. Nesse contexto, o pai representa a autoridade, a lei e a proibição do desejo incestuoso. A relação do sujeito com a lei simbólica e a sua aceitação ou rejeição da castração também são estabelecidas. A rejeição ativa da castração marca o fim do Complexo de Édipo na estrutura perversa. Essa negação é chamada de "desmentido" (Verleugnung), segundo Freud (1927/1996). Ao contrário do neurótico, que reprime o desejo, o sujeito perverso nega a realidade da falta. Ele reconhece a interdição, mas também a desafia, agindo como se a lei se aplicasse a ele. Essa negação não é apenas uma recusa em admitir a realidade, mas também um processo psicológico que permite ao perverso sustentar uma ilusão de completude e desafiar a ordem simbólica.

Ao reformular o Complexo de Édipo com base em suas teorias sobre o simbólico, o imaginário e o real, Lacan (1998) enfatizou que o perverso tenta ser o objeto do desejo do Outro, manipulando a lei para obter o seu próprio prazer. Ao se apresentar como aquele que pode satisfazer o desejo do Outro sem limites, o perverso tenta evitar a castração, evitando, assim, submeter-se à lei suprema.

Na obra *O Fetichismo* (1927), Freud explora o conceito de fetiche como uma manifestação específica dentro da estrutura clínica da perversão. Segundo o autor (1927/1996), nessa mesma obra, o fetiche é um fenômeno que surge frente à angústia da castração. Freud (1927/1996) diz que o fetiche funciona como um substituto simbólico do pênis, que a criança considera "ausente" na figura materna. O sujeito fetichista desvia sua atenção para um objeto que passa a ter uma grande carga erótica e simbólica, servindo como um substituto do falo perdido e evitando o reconhecimento da castração, que confirmaria sua angústia. Esse objeto fetichista pode ser qualquer elemento que esteja relacionado ao corpo desejado de alguma forma, como uma peça de roupa, uma parte do corpo ou, até mesmo, rituais. Uma característica fundamental do sujeito perverso é sua relação específica com o prazer. Enquanto o perverso explora diretamente esse campo, o neurótico evita confrontá-lo. Ele acredita que o prazer reside na violação da norma, fazendo coisas que demonstram a sua oposição à castração. No entanto, a satisfação sexual não é a única conexão com esse gozo. Pode estar relacionado a uma variedade de comportamentos que desafiam os padrões sociais e as interdições simbólicas.

O fetiche é uma parte essencial da estrutura clínica da perversão. Enquanto, em outras estruturas clínicas, como a neurose, o sujeito lida com a angústia de castração por meio da repressão e do recalque, na perversão essa angústia é "desmentida". De acordo com Freud (1927/1997), o mecanismo do desmentido (ou recusa) envolve uma cisão no ego: uma parte do sujeito reconhece a castração e cria um substituto fetichista para manter a ilusão de completude. Colette Soler (2003) argumenta que o fetichismo revela a tensão entre o real e o simbólico na experiência do sujeito. Enquanto a ausência do falo é um fato simbólico que estrutura o desejo, o fetichista se apega ao real do objeto, um objeto concreto que, no entanto, serve para sustentar negar a castração. O fetiche não é apenas uma escolha arbitrária, mas uma construção psíquica que permite ao sujeito manter a sua relação com o simbólico de uma forma distorcida.

Para lidar com a perversão na clínica psicanalítica, Jacques-Alain Miller oferece uma perspectiva teórica detalhada baseada na obra de Jacques Lacan. Segundo Miller, a estrutura perversa é caracterizada por uma relação complexa com a lei e o desejo, na qual o sujeito perverso busca constantemente uma forma de gozo que desafia as normas sociais e morais (Miller, 2007). Em sua obra, Miller afirma que "a perversão se distingue pela relação do sujeito com o gozo, que está sempre fora da norma e da Lei, e pela forma como o desejo é estruturado em função disso" (Miller, 2007, p. 56). Ele sugere que o analista adote uma postura de firmeza e distância ética para permitir que o paciente pervertido expresse o seu desejo sem cair na tentação de ser manipulado ou seduzido pelo gozo perverso. Dessa maneira, "o manejo da perversão implica em manter uma estrutura analítica clara e consistente, mesmo diante das provocações e desafios que o paciente pervertido possa apresentar" (Miller, 2014, p. 92).

A seguir, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

---

A presente pesquisa diz respeito a uma pesquisa qualitativa e teórica, pois não busca dados estatísticos ou generalizações, mas sim a análise e compreensão de conceitos psicanalíticos problematizados em uma obra literária. O caráter exploratório teórico é evidenciado pela proposta de refletir sobre conceitos psicanalíticos a partir da literatura. Quanto à qualificação do problema, a pesquisa é de natureza exploratória e analítica. Ela visa explorar e discutir conceitos complexos como perversão, fetichismo e complexo de Édipo, aplicados à narrativa de Lolita (1955). Ela também propõe uma análise crítica e aprofundada da forma como esses conceitos se manifestam no protagonista. O instrumento de análise utilizado é a escuta psicanalítica extramuros. O método baseia-se na escuta psicanalítica, na livre associação e na atenção flutuante — princípios da clínica psicanalítica adaptados à leitura literária. O objeto de análise é o texto da obra Lolita (1955), tratado como material simbólico a ser interpretado.

Desde sua origem com Sigmund Freud, a psicanálise se expandiu para muitas áreas do conhecimento, entre elas a análise de obras literárias. A psicanálise extramuros utiliza como base fundamental para interpretar textos literários, revelar camadas de significado e explorar as motivações inconscientes daquilo que é objeto de estudo, sejam personagens ou autores. O método psicanalítico aplicado à literatura envolve a interpretação de textos com base em seus conceitos essenciais. Segundo Holland (1975, p. 23), "a intenção do olhar crítico da psicanálise é revelar os desejos reprimidos e os conflitos inconscientes presentes na obra".

Essa percepção implica em uma prática de leitura que transcende o conteúdo manifesto à primeira imagem, buscando compreender significados latentes e as dinâmicas psíquicas subjacentes.

Analisar personagens literários como se fossem pacientes em uma análise é uma das práticas mais comuns da psicanálise fora do consultório. Freud (1910/2011) propôs que, se os personagens literários podem ser observados como projeções dos conflitos internos do autor, permitindo uma compreensão mais profunda de sua psique. Ele afirma que "o autor transfigura os seus próprios desejos e ansiedades nos seus personagens" (Freud, 1910/1976, p. 175). Além disso, examinar os métodos criativos dos autores revela a capacidade da literatura de servir como um meio de sublimação. Lacan (1977, s. p.) afirmou que "a criação literária é uma forma de o autor lidar com as suas pulsões e angústias de maneira socialmente aceitável". Jurandir Freire Costa (1996) também discute o potencial da psicanálise ao se engajar em práticas sociais e comunitárias: "A psicanálise extramuros possibilita um olhar crítico sobre a sociedade ao analisar os sintomas culturais e coletivos que emergem nos diferentes contextos sociais" (Costa, 1996, p. 38). Desde o seu princípio, a psicanálise tem demonstrado um interesse crescente pela arte em geral, considerando-a uma via privilegiada para acessar o inconsciente. Segundo Freud (1920/2010), a criação artística revela fantasias e conflitos inconscientes que, muitas vezes, permanecem reprimidos. Nesse sentido, Lacan (1966/1998) amplia essa perspectiva ao afirmar que a arte tem o poder de tocar o real, uma dimensão que transcende o simbólico e o imaginário, possibilitando o encontro com o desejo e o gozo. Assim, a psicanálise entende que a produção artística pode funcionar como um sintoma, permitindo que o sujeito expresse, por meio da estética, aquilo que não pode ser dito diretamente.

Na interpretação da obra *Lolita*, percebeu-se uma riqueza de detalhes e significados, que serviram de base para a construção deste trabalho. Para isso, o filme foi assistido diversas vezes, a fim de perceber nuances que poderiam ter passado despercebidas anteriormente. Na psicanálise extramuros, a relação transferencial não se limita ao vínculo entre analista e analisando, podendo, também, se estabelecer entre o analista e a obra analisada. Assim, a partir da relação transferencial do pesquisador com a obra, foi possível perceber uma dinâmica de escuta e interpretação dos significantes presentes na criação artística. De acordo com Birman (2014), a obra se torna um campo de transferência no qual o analista pode identificar elementos inconscientes manifestados no texto ou na obra de arte. Em função dessa relação transferencial, o pesquisador apontou alguns elementos que julgou mais expressivos para uma análise, dos quais foram geradas reflexões com o intuito de ampliar o debate sobre o assunto levantado. A análise do filme foi construída com base nos conceitos psicanalíticos e na obra *Lolita*, buscando analisar a relação entre as manifestações do protagonista e a perversão, associando-as à sua origem: o Complexo de Édipo.

## 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

---

*Lolita* é um romance de 1955, escrito pelo romancista russo-americano Vladimir Nabokov. O protagonista e narrador da história, Humbert, um homem de meia-idade, viaja a trabalho para os Estados Unidos. Professor e viúvo, ele vivia na França e se muda, em busca de oportunidades de trabalho em universidades americanas. Sua mudança também é motivada pela necessidade de um recomeço após a morte da sua esposa. Ele vê essa mudança como uma oportunidade de se distanciar do seu passado e

recomeçar a sua vida na América. Durante sua busca por uma casa para viver, Humbert visita uma residência com a intenção de conhecer o lugar e decidir se moraria ali. A casa em questão pertencia a Charlotte Haze, uma viúva com, aproximadamente, 30 anos, que parecia gostar da ideia de ceder um quarto de sua casa para Humbert, não só pelo aluguel barato que ele oferecia, mas também por um possível interesse amoroso no professor. Humbert, entretanto, demonstra desagrado tanto com a casa quanto com a anfitriã - o jeito inconveniente da senhora Haze faz com que ele desconsidere a possibilidade de viver naquele local em poucos instantes. Entretanto, essa rejeição convicta dura apenas até o momento em que Charlotte, ao encerrar a visita, o leva para ver o gramado. É nesse momento que um dos eventos fundamentais para a narrativa acontece. Já quase na saída, Humbert avista Dolores Haze, filha de 12 anos, de Charlotte. O filme apresenta essa cena de maneira muito caricata: Lolita, apelido de Dolores, estava deitada no gramado lendo uma revista, e os irrigadores espirravam água nela, fazendo com que seu vestido grudasse em seu corpo, contornando sua silhueta. Nesse momento, de maneira escrachada, Humbert muda de ideia e, por causa de Lolita, decide aceitar a proposta da Charlotte e morar ali. Nessa cena é possível perceber um simbolismo ostensivo: ao parar os olhos pela primeira vez em Lolita, Humbert retrocede, sem pudor, em sua decisão, deslumbrado com o que vê. Além disso, há uma semiótica presente na imagem da criança, brilhando no gramado e em câmera lenta, comunicando algo que poderia ser interpretado como um desejo inescapável para o protagonista. Apesar de ser socialmente repugnante, ele é mostrado por uma perspectiva pura e delicada naquela cena. O professor, de olhos brilhantes, encontra seu fetiche naquele momento, algo que se torna sua obsessão. Para Humbert, tudo gira em torno de Lolita a partir desse encontro.

Para falar da obsessão de Humbert por Lolita, é imprescindível falar de Annabel Leigh. Ela foi o primeiro amor de Humbert, ainda na sua infância, quando ele vivia na Europa. Esse relacionamento é descrito como uma paixão intensa, porém inocente, que nunca se concretizou por completo. A morte prematura de Annabel, pouco tempo depois, marcou profundamente Humbert, influenciando sua obsessão por meninas jovens, o que serviu de contexto para o seu interesse por Lolita anos mais tarde. Ele descreve essas jovens garotas como ninfetas, criaturas místicas que exercem sobre os pobres coitados que cruzam seu caminho, uma atração hipnótica e incontrolável. Percebe-se que o protagonista tem consciência de seu fetiche e o enxerga como algo impossível de escapar. Ele se vê como um desses "pobres coitados" que, reconhecendo a natureza predatória de seus desejos, mas se considerando, de certa forma, uma vítima de uma força irresistível. Essa visão, porém, pode fazer parte da tentativa de Humbert de justificar as suas ações moralmente condenáveis, apresentando seus impulsos como algo trágico e incontrolável e tentando poetizar sua atração por meninas jovens. Assim como Annabel, Lolita também é vista como uma ninfeta por Humbert. Pode-se inferir que essa fixação não se trata exatamente da menina, como sujeito, mas de elementos nela que fazem com que, para o protagonista, ela seja uma ninfeta.

Humbert afirma que nem toda garota jovem é uma ninfeta, mas que toda a ninfeta é uma garota jovem. Ele diz ainda que, se lhe mostrassem uma foto de um grupo de meninas, seria incapaz de apontar qual delas é uma ninfeta. Com isso, fica evidente que sua obsessão não está relacionada diretamente a características físicas, mas a algo no campo simbólico. Na cena em questão, há uma clara menção ao objeto de fetiche, que é de tamanha importância para o professor, apesar de ser imperceptível à primeira vista. Para a psicanálise, o fetiche pode ser visto como uma manifestação da sexualidade humana, um elemento que possibilita o prazer, e nesse caso, o prazer do perverso.

Humbert opta por morar com Charlotte para manter contato com Lolita. Seus dias giram em torno dela, e, à medida que se aproxima da jovem, a anfitriã se apaixona cada vez mais por ele. A viúva senhora Haze começa a ver o inquilino não só como um flerte, mas como o seu futuro marido. Quando já não consegue mais esconder sua paixão, ela o coloca em um impasse. O professor se vê diante da escolha entre se casar com Charlotte ou deixar a casa para sempre e, conseqüentemente, nunca mais ver Lolita. Apesar de não compartilhar dos mesmos sentimentos que a mulher apaixonada, Humbert, sem pudor, aceita se casar com ela para que não tenha que abrir mão de Lolita. Nesse ponto da narrativa, o convívio com Charlotte se torna um problema para o protagonista. Ele evita ao máximo qualquer tipo de interação com a mãe de sua obsessão e não demonstra remorso algum por viver uma relação falsa com ela. Para não ter de lidar com as investidas de Charlotte, Humbert começa a dar remédios para que ela durma e ele não precise manter relações sexuais com sua então esposa. Transgredir a lei para viver o desejo, disfarçar ou sublimar é uma característica do perverso, que nega a castração como se os limites sociais não existissem. Lacan (1960/2008) argumenta que a transgressão não nega a lei; pelo contrário, ela a confirma. Ao desafiar as interdições, o perverso encontrará os limites que a lei impõe e, assim, reafirma sua presença. Por causa do mau comportamento de Lolita, sua mãe decide mandá-la para um acampamento, onde, segundo ela, a menina aprenderia bons modos.

O protagonista e narrador registra todos os seus pensamentos em um diário, que acaba sendo encontrado por Charlotte. Ela fica abismada ao conhecer as reais intenções de seu atual marido. Ela jura que Humbert nunca mais verá Lolita e, corre, aos prantos para denunciar o ocorrido. Entretanto, ela acaba por sendo atropelada e morre antes de conseguir fazê-lo. Humbert se vê liberto e não demonstra nenhum tipo de remorso. Ele parte para buscar Lolita no acampamento e viajar com a menina, resistindo a contar sobre a morte de sua mãe.

Apesar de agora não haver mais supostos impedimentos para se aproximar de Lolita, Humbert demonstra relutância em sucumbir ao seu desejo, como se, apesar de ignorá-las, as leis sociais ainda exercessem alguma influência sobre ele. Em *O Ego e o Id* (1923/1997), Freud introduz o conceito de superego, que pode ser visto como o componente moral da personalidade, que se desenvolve a partir do ego e representa os valores da sociedade. Dessa forma, compreende-se que o superego é a instância psíquica que incorpora normas sociais e morais, funcionando como uma espécie de consciência moral. Carpelatto sugere que, na perversão, essa construção é alterada. Ele pode se tornar arcaico e tirânico, falhando em sua função de moderar os impulsos do id e, permitindo, conseqüentemente, que o desejo se manifeste sem restrições. Isso ocorre, porque o perverso, frequentemente, não internaliza as proibições de forma saudável, resultando em um superego que incita o gozo ao invés de controlá-lo. Percebe-se, portanto, que a mesma moral que orienta a conduta de um indivíduo, também o guia em direção à obtenção do prazer. Seus afetos por Lolita se confundem entre uma figura paterna e um amante. Essa dualidade conflituosa fica evidente quando Humbert decide deitar-se com a enteada para evitar contato físico, mas se sente tentado ao ver a silhueta da menina. O professor demonstra desalento, como se estivesse prestes a perder a batalha entre resistir ou ceder à tentação, até que Lolita acerta o rosto de Humbert com o braço enquanto ele dorme, interrompendo o que poderia ser a consumação do ato.

Em alguns momentos da história, surge um homem, também de meia-idade, que parece rivalizar com Humbert por Lolita. Fragilizado, Humbert flagra, Lolita falando e sorrindo com um homem desconhecido em uma de suas viagens. Em desespero e aos prantos, o professor suplica para que ela conte quem é o

sujeito misterioso. Lolita dá gargalhadas enquanto o protagonista, violentamente, arranca sua roupa e, chorando, implora que ela conte quem é o homem. Em meio a beijos melancólicos, lágrimas desesperadas e gargalhadas escarnecedoras, a obra cinematográfica expõe uma cena psicodélica em que, após a discussão, Humbert se vê desorientado, como se estivesse desconexo da realidade. Ele olha para as paredes ao seu redor, que se distorcem, enquanto os trovões da tempestade o assustam.

Por causa de uma febre grave, Humbert precisa interná-la, porém, ao ir visitá-la, percebe que ela desapareceu e rapidamente assume que foi o homem misterioso que a levou. Há um simbolismo no fato de Humbert se referir a esse sujeito como ladrão, e não sequestrador, ao narrar os acontecimentos, como se o que ocorrera não fosse o sequestro de uma criança, mas o roubo de algo valioso ou essencial.

Em sua busca, Humbert afirma: “Como vocês sabiam quem eu era, deve ser difícil entender a minha mistificação. Talvez pensem que eu estava imaginando coisas, talvez pensem que é impossível que possa haver outro como eu, um louco amante de ninfetas que as persegue incansavelmente com segundas intenções. Bem, os senhores teriam razão, claro. Não há ninguém como eu”.

Três anos depois, quando já havia desistido de encontrar Lolita, Humbert recebe uma carta dela pedindo ajuda financeira, pois, estava grávida, sofria com a pobreza. Ao reencontrá-la após tanto tempo, Humbert descobre que o homem misterioso que o assombrou durante o tempo da viagem era Clare Quilty, um roteirista famoso. Após Lolita recusar-se a ir embora com Humbert, o professor parte, em prantos, em busca de Quilty, para matá-lo.

Ele o encontra com pouca dificuldade, seminu e sob o efeito de drogas, em sua mansão. Humbert então o obriga a ler sua própria sentença, um poema escrito por ele mesmo, que continha as seguintes passagens:

*Porque você tirou vantagem de um pecador  
Porque você tirou vantagem  
Porque você tirou  
Porque você tirou vantagem da minha desvantagem...  
[...]  
Porque você tirou vantagem de minha essencial inocência interior  
Porque me roubou minha redenção  
[...]  
Você precisa morrer (Nabokov, 1955, p. 21).*

Após alguns disparos dolorosos, mas não fatais, Humbert consegue sua vingança ao matar Clare Quilty. Sem demonstrar esforço ou vontade de sair impune, ele é capturado e preso pela polícia, vindo a morrer de trombose coronariana na cadeia, no mesmo ano em que Lolita morre ao dar à luz, no Natal.

#### 4.1 A PEDOFILIA EM LOLITA

Ao analisar Lolita, é impossível ignorar a representação pedofílica na obra, que é a principal razão causadora das críticas à narrativa, sobretudo considerando a época em que foi lançada. Para a psicanálise, o pedófilo, pode ser visto como um sujeito com estrutura psíquica perversa. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o conceito da perversão é posto como uma forma de distorção do desejo, na qual o sujeito busca satisfazer suas pulsões de maneira que rompe com as normas sociais e simbólicas, além de possuir um objeto de fetiche. Dessa maneira, é possível enxergar em Humbert uma conduta perversa, pois a escolha de Lolita como seu objeto de fetiche é uma transgressão à moralidade. Ao longo da narrativa, Humbert, frequentemente idealiza Lolita, descrevendo-a como uma figura quase divina e intocável. Essa idealização pode ser entendida como uma forma de o protagonista se abster da lei simbólica e da realidade de seu comportamento pedofílico, visando justificar seus desejos por meio de um culto à pureza de Lolita. Além de simbolizar uma figura infantil, Humbert exerce sobre ela uma relação de domínio e poder. Ele justifica seus atos também pela lógica estabelecida por ele mesmo e coloca Lolita como uma ninfeta, uma espécie de criatura que possui uma atração inescapável.

Entre os nove e os quatorze anos de idade, ocorrem donzelas que, a certos viajantes enfeitiçados, duas ou muitas vezes mais velhos do que elas, revelam sua verdadeira natureza que não é humana, mas nínfica (isto é, demoníaca); E essas criaturas, predestinadas proponho designar como “ninfetas” (Nabokov, 1955, p. 21, grifos no original).

Segundo Lacan (1956), é possível dizer que, na pedofilia, o adulto se coloca como objeto de desejo da criança, o que representa uma inversão da dinâmica de desejo normal. Em vez de reconhecer a criança como um ser em desenvolvimento, o perverso a transforma em seu objeto de satisfação e acredita ser o centro de seu desejo. Humbert se apresenta como o único capaz de satisfazer as necessidades e os desejos de Lolita. Ele se justifica e conta a história sob um ponto de vista no qual acredita estar preenchendo um vazio em seu desejo, assumindo uma função crucial na vida da garota. Humbert constrói para si uma narrativa em que se coloca como um salvador de Lolita, alguém que entende suas supostas necessidades e desejos. Ele desloca seu próprio desejo de controle para uma interpretação distorcida do desejo da criança. Ele cria um desejo que acredita vir de Lolita, mas que, na verdade, é apenas uma projeção de suas próprias fantasias.

Para Hisgail (2007), a pedofilia é definida como o amor de um adulto por uma criança. Além de pressupor um consentimento por parte da criança, o pedófilo (e o perverso) se limita a gozar de uma única forma e faz disso o centro de sua vida. Isso fica evidente na narrativa de Humbert, visto que Lolita passa a ser sua obsessão.

Lolita, luz da minha vida, fogo da minha carne. Minha alma, meu pecado. Lo-li-ta: a ponta da língua toca em três pontos consecutivos do palato para encostar, aos três, nos dentes. Lo. Li. Ta. Ela era Lo, apenas Lo, pela manhã, um metro e quarenta e cinco de altura e um pé de meia só. Era Lola de calças compridas. Era Dolly na escola. Dolores na linha pontilhada. Mas nos meus braços sempre foi Lolita (Nabokov, 2011, p.13)

A obsessão de Humbert por Lolita pode ser compreendida a partir do funcionamento das dinâmicas psíquicas de um sujeito perverso. Ele é um personagem que, dentro dessa lógica, rejeita a lei social. Apesar de, por vezes, assumi-la, de certa forma, também ignora o caráter criminoso de seu desejo. Essa rejeição às regras sociais é fundamental para se compreender sua relação com a pedofilia. Nesse contexto, o desejo do perverso é absoluto e não reconhece o desejo do outro. O sujeito perverso escolhe um único objeto para a satisfação sexual, que, no caso da pedofilia, esse objeto é a criança. Essa escolha implica total desconsideração pelas necessidades e pelos direitos da criança, que se torna um mero objeto de gozo. Essa dinâmica evidencia uma relação fetichista, na qual o desejo do perverso se consuma a qualquer custo.

Freud (1917/2010) explora a ideia de que a violência pode ser uma forma de se experimentar prazer, principalmente em relações de poder. A obsessão de Humbert por Lolita pode ser vista também como uma busca por prazer por meio da submissão da menina; esse prazer está sempre acompanhado pela dor da negação de sua humanidade. O prazer de controlar Lolita está entrelaçado com a dor que ele lhe causa e a si mesmo, pois a própria ação de subjugar-la e abusar dela é uma fonte de angústia interna, mascarada por sua crença distorcida na "pureza" de seu amor.

#### 4.2 O ÉDIPO DE HUMBERT

O Complexo de Édipo é uma fase do desenvolvimento psicosssexual infantil — ao seu término, origina-se o sujeito. Com o fim desse complexo, por exemplo, nasce o sujeito perverso, como no caso do protagonista do livro.

[...] foi descoberto por Freud em sua autoanálise e as primeiras referências explícitas sobre ele se encontram, como se sabe, em sua correspondência com Fliess (cf. Carta de 15 de outubro de 1897). Esse tema reaparece em inúmeros outros textos, e possui em Freud o estatuto de complexo nuclear das neuroses, além de ser um fenômeno universal, presente em indivíduos saudáveis e neuróticos, esses apenas em uma “escala ampliada de sentimentos de amor e ódio pelos pais” [...] (Barretta, 2012, p. 159, grifos no original).

Inicialmente, durante o Complexo de Édipo, a criança passa por um período que experimenta um amor incestuoso por um dos progenitores, ao mesmo tempo que estabelece uma relação de rivalidade com o outro. Essa é uma fase fundamental para a formação do psiquismo. Nesse momento, a figura paterna e autoritária introduz a castração simbólica, estabelecendo limites e proibições em relação ao desejo primordial da criança. A aceitação dessa castração, pela criança, marca a internalização do que representa das normas sociais e a fundação do superego. A perversão surge quando há uma falha na resolução do Complexo de Édipo, resultando em diferentes formas de comportamento sexual que desafiam as normas sociais. O sujeito perverso reconhece a castração, porém, a rejeita. De maneira simbólica, a lei ou os “limites” são negados e um fetiche é escolhido. No caso de Humbert, o fetiche são as ninfetas, conforme sugere Ferraz (2002/2010).

Biazin (2019) afirma que o complexo de Édipo é experimentado novamente na adolescência. Dessa forma, o sujeito teria a oportunidade de realizar o que foi reprimido na primeira infância. Ao visitar as marcas edípicas deixadas por essa fase, ocorre uma remontagem psíquica e uma nova elaboração do processo de subjetivação.

Em Lolita, é evidente a repetição de um comportamento específico de Humbert. Toda a narrativa gira em torno dessa repetição que trata da obsessão do protagonista por ninfetas. Com base nas informações apresentadas na obra, supõe-se que essa obsessão tenha surgido quando Humbert foi confrontado com a morte de Annabel, seu primeiro amor.

Estou convencido, porém, de que de algum modo mágico e fatídico Lolita começou com Annabel. Sei também que o choque da morte de Annabel, consolidando a frustração daquele verão de pesadelo, transformou-o num obstáculo permanente a qualquer outro romance por todos os frios anos da minha juventude (Nabokov, 1955, p.18).

A ruptura com Annabel pode ser interpretada como uma castração de Humbert em relação ao seu desejo absoluto. Ao rejeitar esse limite imposto pela realidade, ele elege seu fetiche para preencher a lacuna deixada por seu primeiro amor. Dessa maneira, é possível analisar uma dinâmica edípica nos eventos da juventude de Humbert: a condução perversa se repete dando origem ao que posteriormente se tornaria a raiz de sua obsessão por Lolita.

Biazin (2019) sugere que, durante a adolescência, o sujeito passa por uma reorganização pulsional, na qual as questões edípicas vivenciadas na infância são experimentadas novamente. Revisitar as marcas edípicas significa não apenas vivenciar novamente o Édipo da infância, mas também reeditar o fenômeno edípico. Essa reedição pode ser vista como uma nova interpretação do que ocorre e do que ocorreu em um corpo transformado pela puberdade. Assim como na origem da estrutura perversa na primeira infância, Humbert, de certa forma, nega a morte de Annabel, que simboliza a castração, transferindo seus afetos por ela para as ninfetas, como se, com isso, ele perpetuasse seu amor por ela.

Segundo Gonçalves (2001), a angústia da castração está intimamente ligada ao medo de perder algo valioso — pode ser até mesmo um objeto de amor. É possível traçar um paralelo entre o medo da castração e a ameaça à integridade do sujeito. Gonçalves (2001) sugere que, quando alguém enfrenta uma situação entendida como possibilidade de morte, essa experiência pode ser interpretada como uma forma extrema de castração, na qual todas as possibilidades de existência são subtraídas. Uma característica extrema desse fenômeno é a irreversibilidade da morte, o que destaca a experiência da castração como algo que não pode ser compensado.

Uma possível interpretação sugere que o desejo de Humbert por Lolita seja uma projeção de seu desejo não resolvido ou de sua frustração de castração, transferida para a figura da menina, um objeto de desejo infantil. O desejo de Humbert por Lolita pode ser interpretado como uma tentativa de reviver a relação edípica de maneira distorcida e patológica, pois ele não consegue lidar com sua sexualidade de forma madura.

Do ponto de vista psicanalítico, a pedofilia é considerada uma perversão sexual que envolve fantasias sexuais da primeira infância abrigadas no complexo de Édipo, período da intensa ambivalência da criança em relação aos pais. O ato pedófilo caracteriza-se pela atitude de desafiar a lei simbólica da interdição do incesto: na tentativa de mascarar o abuso sexual, o adulto seduz e impõe sobre a criança um tipo de ligação sigilosa (Fuks, 2015, p. 2).

Segundo Jorge (2007), as repetições na busca pelo prazer podem ser vistas como tentativas de controlar a angústia da castração, refletindo uma luta interna para reverter a sensação de impotência. Essa dinâmica é evidenciada na narrativa de Humbert, quando o protagonista se declara impotente diante da natureza demoníaca das ninfetas, sucumbindo ao seu encanto e se aproximando de seu desejo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Por meio da temática abordada e desenvolvida, conclui-se que a perversão é uma estrutura psíquica de extrema complexidade. A investigação, pelos relatos do protagonista da obra e de suas questões internas, revelou recortes do universo psíquico de um sujeito perverso e como isso resultou em comportamentos pedofílicos. Tal investigação foi fundamental para apresentar como um perverso se torna um pedófilo. Além disso, pôde-se evidenciar que nem todo pedófilo é um sujeito perverso. É necessária uma escuta acerca das origens do sujeito, e não apenas de sua perversidade como produto final, para compreender a perversão de maneira mais clara, pois a raiz da questão pode oferecer elementos significativos para se pensar a estrutura final.

A análise da obra possibilitou a interlocução entre o protagonista e o fenômeno do Complexo de Édipo, apesar do material escasso. O caso de Humbert, principalmente por não se tratar simplesmente de uma história, mas de memórias póstumas deixadas em um diário, oferece um conteúdo que, a partir da psicanálise extramuros, possibilita uma análise aprofundada, dada a potência analítica do personagem. Por meio da interpretação da narrativa de Humbert, foi possível propor também uma análise psicanalítica dos traços perversos e de sua origem edípica. Entretanto, a ausência de elementos sobre a infância do protagonista foi um obstáculo para a produção de uma interpretação da obra, dado que, para a psicanálise, a infância é um período extremamente significativo para o processo analítico, sobretudo para a compreensão do Complexo de Édipo. Dessa forma, a discussão foi elaborada a partir da reverberação do fenômeno edípico no período da adolescência, o que possibilitou a análise realizada.

O estudo também se mostrou importante para esclarecer o leitor sobre conceitos que, no senso comum, muitas vezes têm seu sentido e significado distorcidos, como o de perversão, comumente associado de maneira simplista à pura maldade, e não a uma estrutura psíquica complexa. Esse esclarecimento não tem por objetivo endossar a perversão psicanalítica, mas proporcionar um melhor entendimento do tema, ampliando o debate sobre o conceito e possibilitando um olhar mais preparado para o manejo clínico e para a percepção do fenômeno na contemporaneidade.

---

## REFERÊNCIAS

APPEL, A. **The Annotated Lolita**. New York: Vintage Books, 1991.

BARRETTA, J. P. F. **O Complexo de Édipo em Winnicott e Lacan**. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 157-170, 2012.

BLEGER, J. **Psico-higiene e Psicologia Institucional**. Buenos Aires: El Ateneo, 1966.

CARPELATTO, I. **O Mal-Estar e a perda da aquisição do Superego**: a fundação da perversão como a nova identidade humana. Cefas, pós-graduação e psicanálise. Disponível em: <https://www.cefas.com.br/blog/o-mal-estar-e-perda-da-aquisicao-do-superego-fundacao-da-perversao-como-nova-identidade-humana/>. Acesso em: 11 out. 2024.

CARVALHO, V. O.; HONDA, H. Fundamentos da associação livre: uma valorização da técnica da psicanálise. **Analytica: Revista de Psicanálise**, São Paulo, v. 6, n. 10, p. 46–56, 1 jun. 2017.

CLEGG, C. **Vladimir Nabokov: Lolita**. London: York Press, 2000.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FERREIRA, F.C. **Perversão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, S. Fetichismo. In: **Gesammelte Werke** (1927). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. **Da história de uma neurose infantil (O homem dos lobos), além do princípio do prazer e outros textos**. Trad. de Paulo Sérgio de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1924.

FREUD, S. O estranho. In: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1917

FREUD, S. Sobre o fetichismo. In: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1927. v. 19, p. 231-244.

FREUD, S. O Futuro de uma Ilusão. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 21, 1927.

FREUD, S. O ego e o id. v. 19. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

FREUD, S.. O estranho. In: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1919.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a sexualidade**. Tradução de Paulo César de Souza. 4. ed. São Paulo: Imago, 1905.

FREUD, S. Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 12, 1911.

FREUD, S. A Psicologia das Massas e a Análise do Eu. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 18, 1921.

FREUD, S. O poeta e a fantasia. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 9, 1908.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 4, 1900.

FUKS, Lucía Barbero. Observações sobre a pedofilia. **Percurso**, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 54, p. 53–62, 2015. Disponível em: <https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/304>. Acesso em: 13 out. 2024.

GONÇALVES, M. de O. Morte e castração: um estudo psicanalítico sobre a doença terminal infantil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 21, n. 1, p. 30–41, mar. 2001.

- HISGAIL, F. **Pedofilia**: um estudo psicanalítico. Editora Iluminuras, Ed. 1, 2007.
- HOLLAND, N. N. **A Dinâmica da Resposta Literária**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.
- JONES, Ernest. **Hamlet e Édipo**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.
- JORGE, M. A. C. Angústia e castração. **Reverso**, v. 29, n. 54, p. 37-42, 2007.
- LACAN, J. **As formações do inconsciente**: O Seminário, Livro V. Paris: Éditions du Seuil, 1957.
- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 4**: A relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. **O seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B.. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MANDELLI, J.; BIAZIN, R. Adolescência e o despertar do Complexo de Édipo. **Revista Terra & Cultura**: Cadernos de Ensino e Pesquisa, v. 34, esp., p. 129-137, 2019. Recuperado de: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistatestes/article/view/1013>.
- NABOKOV, V.. **Lolita**. Tradução de Paulo Henriques Britto. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NABOKOV, V. **Lolita**. Traduzido por Sergio Flaksman. São Paulo: Alfabeta, 2011.
- ROUDINESCO, É.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- SCHREBER, D. P. **Memórias de um Doente dos Nervos**. 1903.
- SILVEIRA, N. da. **O Mundo das Imagens**. São Paulo: Ática, 1981.
- SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SOUZA, M. R. A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 135-155, jun. 2006. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167851772006000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167851772006000200007&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 13 set. 2024.